

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Walerson Fernandes da Silva

O CULTO OMOLOKÔ E SUA RELAÇÃO COM A UMBANDA E O CANDOMBLÉ

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Walerson Fernandes da Silva, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373201A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O CULTO OMOLOKÔ E SUA RELAÇÃO COM A UMBANDA E O CANDOMBLÉ,, desenvolvido durante o período de 18 março 2018 a 21 junho 2018, sob a orientação de Volney José Berkenbrock, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Walerson Fernandes da Silva

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O CULTO OMOLOKÔ E SUA RELAÇÃO COM A UMBANDA E O CANDOMBLÉ

Walerson Fernandes da Silva ¹

RESUMO

O presente estudo apresenta uma abordagem de forma simples e objetiva sobre o Axé Omolokô e sua relação histórico-cultural com a Umbanda e o Candomblé e quem sabe, tentar retirar o estereótipo desse culto secular religioso trazido da África, de que ele é a junção dessas duas religiões supra mencionadas, trazendo à tona particularidades, similaridades e singularidades do culto Omolokô e suas três raízes surgidas no Brasil. Através da análise dos conceitos e estudos sobre o universo religioso no Brasil e as religiões de origem Africana, o candomblé e a reinvenção da África no Brasil, a umbanda, suas origens e o formato brasileiro, busca-se, sem a intenção de esgotar o tema avaliar a relevância dessa relação e a influência sobre o culto Omolokô.

Palavras-chave: Culto Omolokô. Umbanda. Candomblé. Religião.

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo se faz relevante na área de Humanas pois traz à tona um assunto de relevância e pertinência no que tange as religiões de matriz africana no Brasil, e como o Brasil abraça essas religiões.

A escolha do tema se deve ao fato de que, pretende-se nele, expor sob um viés histórico cultural, no que tange a chegada, implantação e desenvolvimento do culto ou nação Omolokô no Brasil.

Para o desenvolvimento do presente artigo e como metodologia, o início se dará na leitura de artigos, livros e textos avulsos de autores como Prandi (1997), Moura (1994), Berkenbrock (2012), Ortiz (1999), Durkheim (1996) e Bittencourt (2003), objetivando compreender as diferenças básicas entre a Umbanda e o Candomblé.

O artigo está subdividido em duas partes: na primeira, é apresentado uma breve introdução às religiões afro-brasileiras e a sua sistematização, abordando o Candomblé e a Umbanda, além de suas especificidades, e na segunda, é apresentada a relação entre as duas vertentes com o culto Omolokô.

Importante ressaltar que o Brasil é um país que contou em sua formação religiosa com contribuições advindas de diversas tradições, muitas delas trazidas por imigrantes e outras vindas de forma forçada, como as dos negros da África. Estes povos trouxeram diversos cultos, mitos e ritos para o país, uma gama significativa de religiões, monoteístas e politeístas. Entre as politeístas temos, as religiões africanas com seus deuses, os Orixás, Voduns e Inquices, cultuados distintamente em regiões e tribos africanas.

Mas o que torna essa abordagem relevante é dizer que o Brasil traz em suas lacunas, uma dívida histórica para com essas religiões, pois muitas vezes foram tratadas como primitivas pela sociedade e pela igreja pela forma de seus ritos e cultos. No mais das vezes seus templos, terreiros ou barracões são construídos fora dos meios urbanos, devido ao som de seus atabaques ou tambores.

Se faz importante pontuar que as religiões de matriz africana, têm uma enorme e significativa parcela de contribuição sócio-cultural e religiosa para a formação do povo brasileiro

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: wfsmorfeu1973@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

2. TRADIÇÕES DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E A SISTEMATIZAÇÃO DA RELIGIÃO

O objetivo neste capítulo é discorrer sobre as tradições das religiões de matriz africana no Brasil. O campo religioso brasileiro, como afirma o autor Bittencourt (2003, p. 57), vem demonstrando uma mudança profunda a partir dos anos de 1950 com o crescimento vertiginoso do Protestantismo popular representado pelo Pentecostalismo, que chegou ao Brasil em 1910. Antes, contudo, é importante aqui registrar que a religião se manifesta como um advento social. Por isso, é difícil imaginar a sociedade sem manifestações religiosas.

O teólogo e psicanalista Rubem Alves (1986, p. 8), em seu livro “O que é Religião”, fala que a religião pode ser entendida como,

O esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência que a vida faça sentido. Essa é uma ideia que acompanha as definições sobre religião: a atribuição de sentido. O ser humano tem essa necessidade, de atribuir valores aquilo que deseja, a criar símbolos para atender seus anseios e a facilitar sua presença no mundo.

Partindo dos referenciais clássicos dos estudos da religião (Durkheim, Weber, Marx), além dos principais estudos sobre Protestantismo, Bittencourt correlaciona seu tema com a pergunta pela mudança social. Afirma que as abordagens teóricas não podem desprezar as idiosincrasias culturais e os valores que subsistem nos mais diferentes contextos e momentos históricos. Destarte, apesar de mudanças ocorrerem na sociedade, é preciso considerar que valores retidos nas camadas profundas da existência social continuam a se expressar e a se reproduzir. É nesse sentido que o autor entende a sua tese de uma matriz religiosa brasileira seguida de uma religiosidade matricial. (BITTENCOURT, 2003).

Segundo Ortiz,

As religiões afro-brasileiras como estavam constituídas até essa época podem ser consideradas ainda como religiões de negros. Ainda eram até mesmo controladas pela polícia e pela saúde pública. A própria umbanda, que fez um enorme esforço para se apresentar à sociedade branca como religião branca, ainda era olhada com muito preconceito. Liderada por pessoas de extração social de classe média baixa, em que se destacaram oficiais militares e policiais, pequenos comerciantes, donas-de-casa, a umbanda era chamada de “baixo espiritismo” e vista com muitas reservas, não tendo conseguido atrair para suas fileiras intelectuais, artistas e jornalistas de expressão, como acontecera com o espiritismo kardecista. No caso do candomblé, este fizera-se cercar desde seus primórdios de pessoas influentes na sociedade: profissionais intelectuais que nutriam pela religião dos negros simpatia e admiração e que mantinham com os terreiros de candomblé e seus dirigentes laços afetivos e de solidariedade. (ORTIZ, 1999, p.78)

De acordo com o sociólogo Emile Durkheim, a religião se revela como um aspecto fundamental e essencial da vida em sociedade. A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1996, p. 38)

Obviamente, nem todos acreditam na importância e no valor da religião na vida das pessoas. Há quem diga que a religião é ilusória, que apenas camufla a realidade, tornando o homem um alienado, ou esperançoso demais. A religião, nesse sentido, é ambígua. Tudo depende do contexto de inserção e de quem a manipula. Em outras palavras, o simbolismo religioso está ligado a quem o interpreta (ALVES, 1986, p. 12).

Em meio à pesquisa, pode-se constatar que até os anos 1930, as religiões étnicas ou de preservação de patrimônios culturais dos antigos escravos negros e seus descendentes, enfim, religiões que mantinham vivas tradições de origem africana, formaram-se em diferentes áreas do Brasil, com diferentes ritos e nomes locais derivados de tradições africanas diversas, tais como: candomblé na Bahia, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão e Pará, batuque no Rio Grande do Sul, macumba no Rio de Janeiro. Na Bahia originou-se também o muito popular candomblé de caboclo e o menos conhecido candomblé de egum.²

² Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998 Referências sociais das religiões afro-brasileiras. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100008>. Acesso em 18 jun 2018.

Importante pontuar que nesses diferentes movimentos, numa sociedade em permanente processo de mudança, as religiões afro-brasileiras, ao se adaptarem a condições sociais historicamente diversificadas, experimentaram faces variadas, ora valorizando certos elementos de sua constituição, ora negando-os; ora se pondo ao lado do catolicismo, ora abandonando-o. (ORTIZ, 1999)

O culto aos orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro – forjou-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral – gestou-se a umbanda; finalmente retornou às origens negras para fazer parte da própria identidade do País – o candomblé foi se transformando em religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincretização para recuperar sua autonomia em relação ao catolicismo. (PRANDI, 2001)

2.1. O Universo Religioso no Brasil e as Religiões de Origem Africana

As religiões afro-brasileiras são aquelas trazidas ao Brasil pelos escravos africanos ou que incorporaram costumes e rituais africanos. Como exemplo podemos citar o Babaçuê, o Batuque, a Cabula, o Culto aos Egungun, o Culto de Ifá, a Encantaria, o Omolokô, a Pajelança, o Tambor-de-Mina, o Terecô, o Xambá, o Xangô do Nordeste, a Quimbanda e as mais conhecidas: o Candomblé e a Umbanda, que se diferem pela natureza das entidades cultuadas, rituais e elementos sincréticos.

Importante ressaltar que, durante os séculos de diáspora forçada da África para o Brasil (XVI ao XIX), muitos foram os grupos e etnias que aqui se instalaram à força e obrigados ao trabalho escravo. Um extenso tempo em que indivíduos foram propositalmente separados de seus grupos de origem e espalhados por uma grande área do território nacional, e por esse motivo impedidos de perpetuar sua cultura, sabedoria, costumes e religião. Saber a procedência dos escravos nem sempre era possível, visto que ainda no continente africano eles eram capturados em regiões diferentes ou tornavam-se escravos em consequência de guerras internas. Sabe-se, porém, que durante todo o período que durou a escravidão, vieram para o Brasil indivíduos da região do Congo, Angola e Moçambique (os bantos), e esses grupos tiveram maiores dificuldades de contato, devido ao longo período, a mortes prematuras e também a extensa área que ocuparam.³

Nos flancos sonoros dos navios negreiros vieram não só os filhos da noite, mas também os seus Deuses, os Orixás dos bosques, dos rios e do céu africano. É verdade que, no cais dos portos brasileiros, o capelão esperava os nagôs, os jejes, os angolas – capelães das cidades, capelães dos engenhos, para lhes ensinar as preces latinas e os batizar com o Espírito Santo. Os negros confundiriam suas divindades sombrias com os santos católicos, mas continuariam, por meio dos cantos e das danças tradicionais, a adorar os deuses de além-mar. E assim nasceu o candomblé, perdurando até os nossos dias, apesar das muitas transformações por que passou. (BASTIDE, 2001, p. 327)

Na visão de Berkenbrock (2012, p. 176), a religião afro-brasileira de influência da religião Yoruba, recebe o nome de Xango em Pernambuco e na Bahia ficou conhecido com o nome de Candomblé, sendo esta expressão Candomblé é que se espalhou pelo Brasil como referência, à religião, seu culto, cultura e local.

O movimento afro-religioso se configurou a partir da criação das primeiras entidades representativas dos umbandistas e/ou dos candomblecistas, na década de 1930. Mas, 70 anos depois, na passagem do século 20 para o 21, ainda mantinha como a principal pauta de sua agenda a defesa da prática religiosa de seus representados. Desde o período colonial, as práticas religiosas vinculadas aos negros são alvo de perseguição por parte da igreja católica e mesmo pelo estado brasileiro.⁴

2.2. O Candomblé e a reinvenção da África No Brasil

Candomblé, segundo consta no dicionário de Ruth Rocha, significa: “1. Ritual religioso afro-brasileiro, que rende culto aos orixás. 2. Lugar onde se realiza esse ritual.”⁵

³ BARBOSA, Daniela dos Santos. O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana *Sacrilégens*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 76-86, jan-jun/2012 - D. Barbosa - <http://www.ufjf.br/sacrilégens/files/2012/04/9-1-6.pdf>. Acesso em 04 jul. 2018.

⁴ M. R. de Moraes, J. G. Jayme – Povos e comunidades tradicionais de matriz africana. *Civitas*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 268-283, ago. 2017.

⁵ Minidicionário Ruth Rocha. São Paulo: Scipione, 1996.

O candomblé foi a religião que chegou ao Brasil juntamente com os africanos que vieram para a América Portuguesa trabalhar como escravos nos grandes empreendimentos coloniais, entre eles a produção de açúcar no nordeste brasileiro. Juntamente com os horrores vivenciados nos porões dos navios negreiros os africanos traziam dentro da sua memória e do seu coração seus hábitos culturais, entre eles o modo de vestir, cantar, alimentar e cultuar seus deuses, denominados orixás.

A respeito da importância dos orixás na constituição das chamadas religiões afro-brasileiras, Berkenbrock comenta que “com os escravos Yorubá e sua cultura, chegava ao Brasil também sua religião – a religião dos Orixás. Esta é sem dúvida a religião africana que mais influenciou a formação das religiões afro-brasileiras.”. (BERKENBROCK, 2012, p.176)

Carneiro salienta que “o candomblé incorpora, funde e resume várias religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas brasileiros, com muita coisa do catolicismo popular e do espiritismo.” (CARNEIRO, 2008, p.33)

Ainda segundo Carneiro, foi datada do ano de 1826 a mais antiga utilização da palavra Candomblé, ocasião esta em que os africanos que haviam participado da revolta do Quilombo do Urubu buscavam refúgios em uma “casa a que se chama de Candomblé”. Ilê Iyanassô, conhecida popularmente como Casa Branca, em Salvador no bairro do Engenho Velho. É considerada quase a casa-mãe de todas as outras casas surgidas no Brasil. Esta casa de Candomblé foi criada por três africanas no ano de 1830. (CARNEIRO, apud BERKENBROCK 2012, p. 177-178)

O Candomblé no Brasil com base na tradição iorubana ou nagô é resultado do encontro de elementos dos cultos católicos, africanos e indígenas na época da escravidão. É uma expressão da resistência dos negros ao sistema escravagista. O início de sua organização data do século XVIII, fase em que o comércio escravagista brasileiro se concentrava externamente na região do Benim, na África, e internamente no intercâmbio de negros de regiões economicamente decadentes para os centros urbanos.⁶

No conceito de Prandi,

O Candomblé é uma religião de origem africana que cultua os Orixás (deuses africanos) através de rituais e sacrifícios. Os rituais são cantados e dançados. “Consistem numa sequência de danças, onde, um por um, são honrados todos os orixás, cada um se manifestando no corpo de seus filhos e filhas”. Nos cultos são utilizados animais sacrificados, que ao final são comidos pelos membros da comunidade religiosa, mas o sangue e certas partes dos animais abatidos nos sacrifícios votivos, como patas e cabeça, órgãos internos e costelas, são oferecidos aos orixás. Os filhos e filhas acima citados, devem passar por um ciclo iniciático que dura vinte e um anos, sendo o período básico de iniciação de sete anos, encerrando com as obrigações rituais. (PRANDI, 2001, p.33),

Importante ressaltar que a estrutura social e econômica do Brasil até o século XVIII não possibilitava a organização dos negros ao ponto de florescerem seus cultos. O sistema latifundiário impunha distâncias, além de que a duração média de vida do escravo após sua chegada ao Brasil era de sete anos, impedindo a criação de comunidades. Dessa forma, a urbanização se apresentou como elemento facilitador do florescimento do candomblé iorubá.

Enquanto os escravos banto foram trazidos em sua maioria mais cedo ao Brasil e espalhados principalmente no campo, os escravos Yoruba foram trazidos no final do tempo da escravidão e ficaram na cidade (especialmente Salvador e Recife). Da cultura dos primeiros pouco se conservou, enquanto que dos outros foram conservados muitos elementos. (BERKENBROCK, 2012, p.81)

A busca pela manutenção do equilíbrio é um dos pontos centrais no Candomblé e tal equilíbrio só é possível, pois existe a relação entre seres humanos e Orixás. Cada filho ou filha de santo dentro de um terreiro é responsável não só por cuidar do seu Orixá, mas também por manter o equilíbrio e a harmonia de sua família de santo e de todo o sistema de existência.

⁶ Sobre o comércio escravagista: este pode ser dividido em quatro ciclos: o ciclo da Guiné em meados do século XVI; o ciclo de Angola-Congo em todo o século XVII; o ciclo da Costa Mina até meados do século XVIII; e o ciclo de Benim até o final do tráfico negreiro, na metade do século XIX. (BERKENBROCK, 2012, p.78 e 79).

Não é difícil perceber que para os iorubanos tudo o que existe (seja no Orum ou no Aiye) possui uma espécie de ligação cósmica e nessa dinâmica, nada pode ser excluído, todas as coisas são desdobramentos ou possibilidades.⁷

Nas cerimônias, ou festas, cada filho de santo incorpora o seu Orixá e representa mitos. Segundo Prandi: Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida. Como os iorubás não conheciam a escrita, seu corpo mítico era transmitido oralmente. (PRANDI, 2001, p.24)

Na cosmologia religiosa do Candomblé, existem dois níveis ou possibilidades de existência, que são paralelas, mas inigualáveis. Orum é o nível sobrenatural, ilimitado e imaterial, onde habitam os eguns (antepassados humanos) e os orixás (deuses pessoais – como que os antepassados divinos). Orum engloba o todo, inclusive o Aiê, o nível material da existência. “Tudo o que pode ser apalpado, tocado, pego pelo ser humano, pertence ao nível do Aiye”. Contam estudiosos e adeptos do candomblé, que os filhos de santo, ou iniciados, possuem uma personalidade muito próxima do seu Orixá e devem além de prestar suas homenagens e cuidar do peji – “altar onde se encontram as pedras dos Orixás e lugar onde se colocam as oferendas”, também observam uma série de posturas na vida cotidiana. (BERKENBROCK, 2012, p.446).

A religião tem se desvinculado do catolicismo com o retorno a tradição africana: reaprendizado dos mitos, língua e ritos perdidos ao longo da diáspora dos escravos negros. Esse processo toma forma a partir da década de 1960, com a valorização da cultura negra pela elite intelectual brasileira, possibilitando o estudo sistemático e a publicação de estudos sobre a mitologia dos orixás, assim como a divulgação das religiões de matriz africana por meio da música, cinema e literatura. A africanização do candomblé, segundo Prandi, não é para se tornar africano, mas “recuperar um patrimônio cuja presença no Brasil é agora motivo de orgulho, sabedoria e reconhecimento público e, assim, ser o detentor de uma cultura que já é, ao mesmo tempo, negra e brasileira. (PRANDI, 2001, p. 2)

Importante ressaltar que, no candomblé, as decisões são tomadas a partir do jogo de búzios. O búzio ou oráculo de Ifá é um oráculo que contém a explicação dos mistérios da vida. Os que têm a sabedoria para decifrar este oráculo são os babalaorixás e as yalorixás, qual seja, Pai e Mãe de Santo - eles tem o poder de interpretar o que os orixás querem passar através do oráculo. Na iniciação no candomblé, antes de se iniciar os preparativos, o pai de santo joga os búzios para saber qual Orixá vai ser dono da cabeça do iniciado.

2.3. A Umbanda, suas origens e o formato brasileiro

A Umbanda tem sido apresentada como uma religião universal, dirigida a todos: “procurou legitimar-se pelo apagamento de feições herdadas do candomblé, sua matriz negra, especialmente os traços referidos a modelos de comportamento e mentalidade, que denotam a origem tribal e depois escrava, mantendo, contudo, estas marcas na constituição do panteão” (PRANDI, 2001).

Aparece, pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares à dominância negra e a ideologia espírita. Sua originalidade consiste em reinterpretar os valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial. O que caracteriza a religião é o fato de ela ser o produto das transformações sócio- econômicas que ocorrem em determinado momento da história brasileira (ORTIZ, 1999).

A manifestação de espíritos de negros e de índios ocorria espontaneamente nos rituais da macumba desde meados do século XIX. Longe de ser um culto organizado, a macumba era um agregado de elementos da cabula banto, do culto aos orixás jeje-nagô, das tradições indígenas e do catolicismo popular, sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar as diversas partes que lhe davam forma. É desse conjunto heterogêneo, acrescido de indivíduos egressos do kardecismo, que nascerá uma nova religião: a umbanda.⁸

As cerimônias, ou giras, são guiadas por um chefe de terreiro e os médiuns da casa recebem através de incorporação (transe) os espíritos de caboclos, pretos velhos, entre outros, para dançar, cantar pontos e, sobretudo, orientar e curar aqueles que procuram por ajuda religiosa para solução de seus males. A Umbanda absorveu do Kardecismo algo de seu apego às virtudes da caridade e do altruísmo, assim, fazendo-se mais ocidental que as demais religiões do espectro afro-brasileiro. (PRANDI, 2001)

⁷ BARBOSA, Daniela dos Santos. O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 9, n.1, p. 76-86, jan-jun/2012 - D. Barbosa - <http://www.uff.br/sacrilegens/files/2012/04/9-1-6.pdf>

⁸ OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Uma Discussão Teórica Sobre As Interpretações Do Mito Fundador Da Umbanda. *Revista Jesus Histórico*. RJHR VI:11 (2013).

Esta religião seria um produto direto das transformações ocorridas em um determinado período no contexto da sociedade brasileira. Consta-se assim que o surgimento da religião umbandista coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes, onde, a um movimento de transformação social corresponde um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira. Nesta dialética entre social e cultural, observaremos que o social desempenha um papel determinante. (ORTIZ, 1999, p. 15)

Berkenbrock contribui sobre a sedimentação da doutrina Umbandista: Quando se pergunta pela doutrina da Umbanda, pode-se dizer que o processo de sedimentação duma doutrina ainda está em seu início. Ainda não existe uma teologia trabalhada e refletida. Isso não se deve apenas ao fato de ser a Umbanda uma religião ainda muito jovem, mas também à forma de organização em si dessa religião. A total Independência de cada grupo ou comunidade contribui para a existência de um número grande de diferentes ideias e ensinamentos. Não existe nenhuma pressão pela unidade doutrinal, ou pelo menos nenhuma pressão que seja tão forte ao ponto de influenciar o livre desenvolvimento da religião. (BERKENBROCK, 2012)

Em seu estudo clássico sobre a umbanda no Brasil, Renato Ortiz declara que,

A análise da religião umbandista nos permite distinguir dois movimentos secularizadores complementares: a racionalização da empresa sagrada umbandista, e a racionalização das crenças e práticas religiosas. Pode-se comparar o primeiro movimento à passagem da mentalidade dos capitães de indústria à mentalidade do manager. O domínio em questão é justamente aquele onde o espírito de cálculo tem uma importância primordial, e a ação deve ser regulamentada por um tipo de "racionalidade por finalidade", segundo a expressão de Max Weber. Vamos assim encontrar no seio da empresa umbandista operações do tipo codificação das crenças e dos ritos, normatização do produto religioso, centralização e burocratização do culto. Entretanto, estes elementos se vinculam estreitamente a uma estratégia religiosa que enfrenta uma situação de um mercado pluralista. (ORTIZ, 1999, p. 22)

Sabe-se, diante inclusive das pesquisas efetuadas sobre este tópico, ser complexa a discussão sobre o mito fundador da origem da Umbanda, onde não se pode precisar as origens dos rituais praticados na Umbanda. Todavia pode-se afirmar que um marco-mito sobre o nascimento da Umbanda, o localiza no Estado do Rio de Janeiro em 1908. Nestes relatos, Zélio Fernandino de Moraes, um jovem que estava se preparando para carreira militar, começou a ter surtos estranhos à sua personalidade com frequência e sua família preocupada, depois de tentar tratamento com psiquiatra e não ter retorno positivo, o levou em um centro Kardecista em Niterói. Durante a sessão teria se manifestado em Zélio um espírito de Caboclo (Índio), que anunciou um novo culto no qual todos seriam aceitos e ajudados independentes de cor, crença ou classe social, afirmando que naquele momento nascia a Umbanda, uma religião que simbolizaria a humildade e a igualdade entre todos os irmãos, encarnados ou desencarnados.

Na narrativa de Peixoto, este momento ter-se-ia dado da seguinte forma:

[...] manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, para declarar que naquele momento se iniciava um novo culto, em que os espíritos de velhos africanos escravos e de índios brasileiros, os quais não encontravam campo de atuação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas em sua totalidade para os trabalhos de feitiçaria, trabalhariam em benefício de seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal do culto que teria por base o Evangelho de Jesus. (PEIXOTO, 2008, p.12)

O processo de legitimação racional da umbanda provém de uma "inteligência" oriunda da cidade e que usa o livro como forma básica de socialização ideológica. Refazendo o elo weberiano entre racionalização e comportamento político, Renato Ortiz vai defender que o processo de legitimação proposto pelos setores intelectualizados e burocratizados da nova religião vem acompanhado do projeto de uma dominação racional. (ORTIZ, 1999)

Cabe aqui o posicionamento de Giumbelli,

A Umbanda mobilizou e mobiliza diversas opiniões entre os adeptos e os estudiosos, cuja importância dessa questão torna-se evidente se levamos em conta que as conclusões tiradas sobre a história de um grupo relativamente delimitável transformam-se nas conclusões a respeito da história de um movimento muito mais amplo, ou seja, a questão da origem é o campo de batalha onde se define o começo de um fenômeno, o momento em que ele passa a existir enquanto tal e que, portanto, torna-se visível, representativo. Na Umbanda essa lógica interpretativa é soberana, havendo uma tendência generalizada em se tratar da história, do processo de constituição da religião como um todo a partir das referências que se tem em relação à origem de uma de suas partes constitutivas. (GIUMBELLI, 2002, p.196)

A Umbanda, portanto, é considerada um movimento que agrega diversas matrizes como africanas, cristãs, indígenas, kardecistas e orientais. Esta religião tem vários segmentos e podem ocorrer variações quanto a sua interpretação e entre as estruturas e organizações dos Terreiros.

3. O CULTO OMOLOKÔ: ORIGEM E RITUAIS

O Omolokô organizou-se majoritariamente na Zona da Mata em Minas Gerais, no estado do Rio de Janeiro, no nordeste do estado de São Paulo e em parte do Espírito Santo; o nome é Yorubá e existem várias opiniões a respeito de seu significado. Uns dizem que significa “filhos do tempo”, porque no início, devido à falta de recursos, seus adeptos praticavam-no ao ar livre, ou debaixo das árvores, ou debaixo das árvores chamadas Iroko. Outros atribuem à palavra sentido mais literal e abrangente, como “filhos da fazenda”, ou mesmo “filhos da roça”, designando os negros vindos do meio rural e que professavam tal religião, haja vista serem muitas dessas organizações estabelecidas mesmo nas roças, ou em áreas afastadas das cidades.⁹

Organizador do Culto Omolokô, Tancredo da Silva Pinto, Umbandista brasileiro, nasceu em 10 de agosto de 1905 no município de Cantagalo. Ainda na adolescência foi para o município do Rio de Janeiro. Tancredo da Silva Pinto, “Tata Ti Inkice”, é considerado o organizador do culto Omolokô no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas para defender o seu direito de ter e cultivar uma religião afro-brasileira.¹⁰

“Omo” que significa “Filho” “Loko” referindo-se a árvore Iroko e tem o sentido de algo como “Filhos da Gameleira Branca”. No segundo ramo de análise, que é a versão do Srº Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice (pai de santo de Angola), em seu livro Culto Omolokô - Os Filhos de Terreiro - “Omolokô significa: “Omo” -Filho e “Okô” - Fazenda, zona rural onde esse culto, por causa da repressão policial que havia naquela época, os rituais eram realizados na mata ou em lugar de difícil acesso dentro das fazendas.¹¹

Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice, é considerado o organizador do culto Omolokô no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas para defender o seu direito de ter e cultivar uma religião afro-brasileira. Seu nome religioso (Sunna[1]) era Fòlkétu Olóròfê. Foi chamado, muitas vezes, de o “Papa Negro da Umbanda”. Apesar de ter ficado famoso pelo grau sacerdotal “Tata” (pai), utilizado nos Candomblés Angola para designar o Sacerdote, Tancredo da Silva Pinto, na hierarquia da Umbanda Omolokô, era tratado por Babalô (do Yorubá, Babaláwo).¹²

Em 1950, devido a grandes perseguições aos umbandistas nos mais diversos Estados da União, assim como no antigo Distrito Federal, fundou a Federação Espírita de Umbanda, com a qual rompe em 1952. Viajou por quase todo o país, fundando filiais da Federação com o objetivo de organizar e dar personalidade à Umbanda. Fundou as Federações dos seguintes Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e outros.

⁹ CARIOLATO Vitória. Omolokô. Disponível em: <https://prezi.com/00xgpcyhprdp/omoloco/?webgl=0>. Acesso em: 03 jul. 2018.

¹⁰ FILHO, Mário. Comunidade de Estudos Filosóficos e Espirituais “Caminho do Oriente”. Disponível em: <https://cefeco.wordpress.com/2013/08/14/tancredo-da-silva-pinto/>. Acesso em 01 jul. 2018.

¹¹ BABALORISHÁ JOÃO BATISTA DE AYRÁ. Omolokô <http://brasilcandombleverdade.blogspot.com/2010/02/omoloko.html>

¹² FILHO, Mário. Tancredo da Silva Pinto – pequena biografia do incentivador da Umbanda (Omolokô). Disponível em: <https://cefeco.wordpress.com/2013/08/14/tancredo-da-silva-pinto/>. Acesso em 4 jul. 2018.

O motivo que levou Tancredo a criar federações umbandistas para defender os direitos dos cultos afro-brasileiros desenrolou-se na casa de santo de sua tia, Olga da Mata, a qual foi narrada por ele: “esse episódio passou-se na casa da minha tia Olga da Mata. Lá arriou Xangô, no terreiro São Manuel da Luz, na Avenida Nilo Peçanha, 2.153, em Duque de Caxias. Xangô falou: – Você deve fundar uma sociedade para proteger os umbandistas, a exemplo da que você fundou para os sambistas, pois eu irei auxiliá-lo nesta tarefa. Imediatamente tomei a iniciativa de fazer a Confederação Umbandista do Brasil, sem dinheiro e sem coisa alguma. Tive uma inspiração e compus o samba General da banda, gravado por Blecaute, que me deu algum dinheiro para dar os primeiros passos em favor da Confederação Umbandista do Brasil.”¹³

Segundo Boaventura,

Depois desse fato, Tancredo fundou a Confederação Umbandista do Brasil, usando parte do pagamento recebido pelo direito autoral do samba “General da Banda” (fazendo uma alusão ao Orixá Ogum), gravado por Blecaute, e ajudou a fundar em outros Estados novas federações umbandistas, a fim de defender os direitos dos cultos afro-brasileiros. Ele afirmava que a Confederação Umbandista do Brasil, fundada em 1952, foi criada “com a finalidade de restabelecer a tradição antiga, em toda sua força e pureza primitiva”, ou seja, a origem africana da Umbanda. (BOAVENTURA (2005, p.40)

Importante se faz ressaltar que foi significativa a posição de Tancredo da Silva Pinto contra as propostas de desafricanização da Umbanda, proposta e divulgadas nas palestras do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941).

Tancredo dizia que achava graça quando ouvia os “líderes da Umbanda Branca” dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele “a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra”. Esse viés africanista da Umbanda pode ser visto em uma de suas afirmações: “Terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos em linguagem africana, que não oferecer sacrifício de preceito e nem preparar comida de santo, pode ser tudo, menos Terreiro de Umbanda.” Para afirmar a característica africana da Umbanda e dar uma formação intelectual aos praticantes do Omolokô, organiza no Rio de Janeiro o primeiro curso de língua e cultura lorubá. (FREITAS E PINTO 1957, p.58)

Objetivando defender seu posicionamento, Tancredo sempre foi muito polêmico, como podemos ver nessa afirmação: “Hoje, uma vasta onda de mistificação invadiu a Umbanda. Criaram, os intrusos, uma Umbanda branca, uma Umbanda mista, modificaram o ritual sagrado, e, pior, sob o ponto de vista espiritual, introduziram o comercialismo na seita. Escritores improvisados publicaram livros cheios de erros e fantasias, servindo a Umbanda de capa a atividades inteiramente comerciais. Para completar a mistificação, pessoas que nada conhecem dos mistérios de Umbanda, que nunca foram Sacerdotes, que nunca fizeram ‘cabeça’, abriram centros e tendas, montaram consultórios luxuosos, onde os clientes são atendidos mediante fichas numeradas”. (FREITAS, 1957)

3.1. Relação entre a Umbanda, o Candomblé e o culto Omolokô

Em se tratando da relação entre estas religiões, percebe-se que algumas pessoas se confundem do que seja Omolokô. “Omolokô é Umbanda ou Candomblé?” A resposta só poderia ser uma única: Omolokô não é Umbanda apesar de aceitar em seus rituais o culto a Guias de Umbanda. O Omolokô cultua os Orixás com suas cantigas em Yorubá ou Angola, pois como já foi dito anteriormente esse ritual tem forte influência também destas duas culturas. Porém, o ritual Omolokô não poderia ser encaixado no grupo dos Candomblés Jêje e Nagô, pelo principal motivo de que no Omolokô são cultuados, ainda que em situações separadas, os Caboclos, Pretos-Velhos dentre outros Guias, aceitando-se a realização de práticas ritualísticas de Umbanda em um mesmo solo. No Omolokô existe uma maior aproximação com o Candomblé de origem Banto, que aceita o culto aos Espíritos de Antepassados.¹⁴

¹³FILHO, Mário. Tancredo da Silva Pinto – pequena biografia do incentivador da Umbanda Omolokô. Disponível em: <https://cefeco.wordpress.com/2013/08/14/tancredo-da-silva-pinto/>. Acesso em 4 jul. 2018.

¹⁴ Op. Cit

Em se tratando da relação entre as três religiões, o Omolokô traz em suas raízes o culto aos Orixás, Minkisses, caboclos e pretos velhos. A Umbanda faz o culto aos falangeiros (Exus e pomba giras, chamados de Catiços), ciganos, malandros, caboclos da mata, boiadeiros, pretos velhos, baianos. E o candomblé primordialmente cultua os Orixás, Minkisses e Voduns, em suas nações, Ketu, Angola e Jêje.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os estudos feitos, e também durante minha trajetória dentro das religiões afro descendentes, e ao me inteirar sobre a existência do Omolokô, procurei me aplicar e saber mais sobre essa nação trazida de África e sua diáspora em terras brasileiras, historicamente surgida no Rio de Janeiro, durante a colonização Portuguesa no Brasil.

O Candomblé é uma religião que expressa a luta e a herança do povo negro e que conecta Brasil e África em seus rituais através de música, dança, vestimentas, linguagem, comida e cerimônias. Embora o Candomblé seja uma religião com tradições complexas, esta religião ainda hoje sofre muito preconceito e é recoberta por estigmas, tendo frequentemente suas tradições desrespeitadas.

Procurei descrever a Umbanda como uma religião que por um lado possui uma diversidade ritualística variante entre os terreiros e por outro apresenta características doutrinárias em comum como suas crenças sobre a reencarnação, a existência de guias e protetores espirituais elucidando que tem como sua missão principal, a fraternidade, caridade e amor ao próximo, sem discriminações de raça, credo ou classe social.

O culto Omolokô se relaciona com a Umbanda, pois aceita em seus rituais o culto ao Caboclo e ao Preto-Velho. Se relaciona com o Candomblé porque cultua os Orixás africanos com suas cantigas em Yoruba ou Angola, pois esse ritual foi fortemente influenciado pelas duas culturas. Como pode-se ver, o ritual Omolokô não poderia ser encaixado no grupo dos Candomblés chamados tradicionais, aqueles que cultuam somente orixás africanos, pelo motivo de que no Omolokô são cultuados os Caboclos e Pretos-Velhos.

No decorrer da história pode-se notar que há um movimento que interliga as vertentes do Candomblé e da Umbanda, “uma aspiração muito corrente entre os umbandistas é a de se iniciarem também no Candomblé. Muitos o fazem e entre esses não são poucos os que acabam abandonando a Umbanda definitivamente para se dedicar aos orixás segundo o rito do Candomblé”. E esse movimento é justamente devido a uma grande semelhança que há entre elas, de ambas serem de origem negra, afro-descendentes e trabalharem com a espiritualidade. Porém, elas não se conectam de outras formas por se tratar de religiões independentes com seus rituais e fundamentos próprios.

Diante dos estudos e pesquisas realizados, pode-se concluir que a Umbanda é uma religião mais próxima do nosso cotidiano e necessidades, onde as entidades cultuadas se comunicam diretamente com as pessoas e realizam assim, o socorro necessário; seja ele material, sentimental ou emocional, e, talvez por isso, seja mais procurada inicialmente. Já o Candomblé sugere uma sensação semelhante ao Catolicismo, qual seja, há realidades sagradas com as quais não podemos nos comunicar diretamente, mas podemos senti-las através de orações e pedidos. Quanto ao Omolokô, a diáspora dos orixás cultuados no Omolokô é a mesma utilizada pelo Candomblé e sua organização dogmática o faz diferir também por isso da Umbanda que os cultua em número menor e de forma majoritariamente sincrética.

Finalmente, uma observação importante a ser considerada é que, independente de não ter sido confirmada a hipótese da relação entre as vertentes aqui estudadas, é importante ressaltar que todas oferecem uma fé, uma crença que aceita todos os tipos de pessoas e pensamentos, não obrigando aos fiéis a participar somente dos rituais de uma só religião.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O que é religião. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

BARBOSA, Daniela dos Santos. **O conceito de orixá no candomblé: a busca do equilíbrio entre os dois universos segundo a tradição iorubana.** Sacrilégens, Juiz de Fora, v. 9, n.1, p. 76-86, jan-jun/2012 - D. Barbosa - <http://www.ufjf.br/sacrilégens/files/2012/04/9-1-6.pdf>

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

BITTENCOURT, José Filho. **Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social.** Petrópolis: Vozes/Koinonia, Petrópolis/Rio de Janeiro 2003.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés na Bahia.** 9ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

CONCOME, Maria Helena Villas Bôas. **A Umbanda, as Notícias e os Números.** Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2869>. Acesso em: 30 mar. 2018.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREITAS, Byron Torres de & PINTO, Tancredo da Silva. **Fundamentos da Umbanda.** Rio de Janeiro: Editora Souza, 1956, p. 19

GIUMBELLI, Emerson. **Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro.** In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Caminhos da alma: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Espiritismo: orientação para os católicos.** São Paulo: Loyola, 2005, p. 40.

MORAIS, M. R. de . J. G. Jayme – **Povos e comunidades tradicionais de matriz africana.** Civitas, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 268-283, ago. 2017.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda: Integração de uma religião numa sociedade de classes.** Petrópolis: Vozes, 1999.

PEIXOTO, Norberto. **Umbanda Pé no Chão: Um guia de estudos orientado pelo espírito Ramatís.** Editora do conhecimento, 1ª Edição, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda. Caminhos da Devoção Brasileira.** 2. Ed. São Paulo : Selo Negro, 2005.

SILVA, Mônica Cristina A. de Matos da. ÁVILA, Vicente F. MACIEL, Josemar de C. **Religiosidade e sentimento de pertença: considerações acerca da festa em homenagem a São João Batista e da missa afro na comunidade remanescente de quilombo “São João Batista”** – Campo Grande/MS. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ani II, N. 8, Set. 2010.